

O incisivo central e a quarentena mortífera (IX)

Sábado 4 horas da tarde, em meio à quarentena, o silêncio na Barata Ribeiro infunde uma calma de casa de campo. Quem diria que, algum dia, eu iria ouvir passarinhos e receber um ou outro desgarrado em minha janela, em plena Barata Ribeiro? Absorto, a quarentena me devolvia aos valores de minha infância em Sumidouro no estado do Rio de Janeiro profundo ... pássaros, jaboticaba, festas juninas, brincadeira de carniça... Lorena, minha primeira namoradinha ... vovó e seus bolinhos de arroz ... as lágrimas já começavam a se anunciar em minha face serena ... Nisso, um grito lancinante sai como um petardo da cozinha.

Saltei da cadeira como Ademar Ferreira da Silva e em salto triplo consegui ver Marli (minha mulher) com o dente incisivo central na mão, o olhar de terror como a ver Bolsonaro à sua frente, e o brado retumbante ecoando na Barata Ribeiro. Comecei a gritar: *“Calma, calma, calma, CALMA!!”* Ela gritava, ainda nervosa: *“Azeitona com caroço...quebrei meu dente...”* Pedi pra ver. Confesso que me surpreendi. Eu nunca havia visto um incisivo central tão perfeitamente ausente de uma arcada dentária. Falei devagar: *“Calma, vamos resolver.”* Dei-lhe um abraço, que a quarentena ainda não tinha presenciado (o isolamento às vezes também isola os isolados), e coloquei-a sentada ao lado do computador espremido defronte à janela da sala entre o vasinho de violetas e o cocozinho do bem-te-vi recém evadido. Repeti a palavra calma enquanto procurava na internet: EMERGÊNCIAS ODONTOLÓGICAS. Claro está que enquanto eu ligava o computador, Marli ligava para Deusdetih, sua dentista. Depois de tocar tocar tocar a odontóloga atendeu, sem deixar Marli falar: *“Oi, Marli, estou em quarentena em Miguel Pereira, espero que você esteja bem. Me liga em setembro. Beijo.”* Eu mesmo, enquanto a internet não entrava, liguei p’ro Elivaldo, grande dentista, estudamos juntos num curso de artes marciais. *“Oi, Domitinho, bom você ter ligado, estou com Covid-19. Você viu no Face?”* Desliguei.

Finalmente, quando a internet entrou, quando dei conta que o dente da Marli estava na minha mão, comecei meu périplo ciclópico, por volta das 5 horas daquela tarde inesquecível. Entre esperas de dois minutos que duravam 40, consultas para depois de novembro, telefones que não respondiam, links que vendiam viagens a Miami, desvios de direção para vendas de planos odontológicos, consegui. Herói de mim mesmo e, quem sabe, de Marli! 8 da noite. Marli tentando falar no skype com seu terapeuta. Interrompi. Marli, consegui! A emergência odontológica, localizada na Pavuna tinha um horário disponível para 3ª feira, às 21 horas. Quando ela disse que ia ter que esperar três dias, eu ponderei ... Disse que ela estava em quarentena, podia comer sopa, podia ficar de máscara, que a gente não ia ficar olhando p’ra ela. Não a convenci. Meio chorosa ela disse: *“E se o Marcelo vier aqui?” “Marcelo, que Marcelo?”* Perguntei. Ela sentenciou: *“o pesquisador do IBGE que você tratou mal e nem pagou a ele...”*

Respirei fundo e confesso que cheguei a pensar em desmarcar a consulta na Pavuna, mas meu sentimento cristão da época em que fui coroinha em Sumidouro falou mais alto. Mesmo lembrando do Padre João que tinha um bolso furado na batina pros meninos pegarem balinhas. Falei para Marli: *“OK, meu amor, vamos continuar tentando furar a quarentena odontológica.”*

•••